

3  
ESCUDO  
APOLOGETICO,

CONTRAPOSTO AOS GOLPES

DO

DÉSCUIDO CRITICO,

COMPOSTO PELOS

SAPIENTÍSSIMOS DOUS CENSORES

DE

X, DATO FEMINEIS,

COLLEGIAES DO ANTIGO COLLEGIO DE GESTAS,

fundado nas obras novas, e imperfeitas, que estão no citio  
da Cotovia,

OFFERECIDO

AO MUITO GENEROSO, E ANTIQUISSIMO SENHOR

CARTAPACIO DE PRETERITOS,

POR

ANDRE PAULINO CARREGUEIRO DA COSTA BOTADO,

E

MARCOS VALENTIM PA' O BOTELHO PEGADO,

*Guardas da Bibliotheca do Hospicio publico do Loreto desta Cor-  
te de Lisboa Occidental.*



LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina

DE MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,  
morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXIII.

*Com todas as licenças necessarias.*

Da-se aos Curiosos na mesma Officina, aonde se imprimio.

**E** Stahe a primeira vez, em que a hum tão authorisado Mecenas se pede a sua protecção de justiça. Ainda que V. M. nunca foy homem de duas caras, por dous titulos, que logra a sua casa, tão antiga como os Preteritos, patrocinou ao mesmo tempo duas obras entre si oppostas, e contrarias. Favoreceo a primeira com o generoso titulo de Cartapacio de Generos, e amparou a segunda com o titulo muito antigo de Cartapacio de Preteritos. Animaraõ-se os dous Collegiaes Gestianos, doutissimos Censores da primeira obra, a implorar a sua generosa protecção, por que entendẽrão, que se V. M. a patrocinava, por comprehender dentro da sua dilatada esphera aos Generos, que tudo comprehendem: tambem devia apadrinhar a sua Critica, que por ser de huns successos já passados, era da jurisdicção dos Preteritos. Mas como V. M. na primeira regra deste seu segundo titulo ordena, que os compostos sigão quasi sempre as Leys dos Simples: *Simplicium leges ferme conjuncta sequuntur*: seguindo a Critica de dous Simples, vão, em observancia das suas Leys, buscar a sua protecção estes nossos discursos mal compostos. Com ser infinito o numero dos Simples: *Scultorum infinitus est numerus*. Não seguimos, nem perseguimos nesta composição mais do que a dous Anonyms, que com o titulo de Censores do Descuido do nosso Bibliothecario manifestão a sua grande simplicidade. Para seguir em tudo esta Apologia aos Senhores Collegiaes Simples, como V. M. nas suas Leys tem ordenado, vay tambem buscar o seu antigo, e generoso patrocínio, confiada, em que conseguirá esta mercê de justiça, por obedecer pontualmente, ao que V. M. manda. Deos nos conserve na sua graça, como lhe pedimos. Lisboa Occidental no Hospicio do Loreto 1. de Dezembro de 1732.

Creados de V. M. muito obrigados,

ANDRE' PAULINO CARREGUETRO DA COSTA BOTADO.

MARCOS VALENTIM PAO BOTELHO PEGADO.

PRO-



Entre as mayores regalias, que lograõ os Collegas deste publico Hospicio, se devem numerar as propinas, que dos frontispícios dos Livros, e outros muitos papeis novamente impressos em Lisboa, costumão os seus vaidosos Authores mandar logo fixar nas lapidificas estantes da nossa publica Bibliotheca; porque em sahindo dos Prelos expõem em Estantes de marmore à curiosidade de infinitos Leitores (tanto de dia, como de noite) estes literarios tributos. Com estas propinas, sem comprarmos nenhuns livros, temos neste Hospicio huma grande Livraria, em que se achão alguns Volumes, que faltão nas mayores, e mais famozas Bibliothecas da Europa. Aqui se achão o *Auto, e Colloquio do Nascimento, o Auto de Santo Aleixo, o Auto de Santo Antonio, o Auto de Santa Barbara, o Auto de Santa Catharina, o Auto de Santa Maria Egypciaca, o Auto, ou Vida de S. João de Deos, o Auto do dia do Juizo, o Auto da Barca, o Auto do Fidalgo Aprendiz, o Auto das Padeiras, o Auto do Cazeiro de Alvalade, o Auto da segunda Barca, o Conselho para bem cazar, o Pranto de Maria Parda, o Infante D. Pedro, o de D. Duardo, o Tratado dos Passos, e Lasarillo de Tormes, os Avisos contra os enganos, a Pratica de tres Pastores, o Tratado das Lições da Espada Preta, as Trovas da Menina formosa, a Magalona, o Marquez de Mantua, ou Valdevinos, a Emperatriz Porcina, a Malicia das Mulheres, o Terremoto de Roma, a Onsdia do menino morto, o Novo Auto da Barca, o Auto da Fortaleza, e outras muitas curiosidades, que fazem muito famoso o nosso Muleo. Nem temos necessidade de mayor, nem de melhor Livraria, como tambem de outro estudo, para sermos eruditos; porque hoje só com a noticia dos nomes dos Authores, ou dos titulos de alguns livros, e papeis impressos ostentão muitos homens a sua vastissima erudição.*

Pela facilidade, e felicidade, com que por este modo se estuda, não apparece papel impresso nesta Corte, que logo neste Hospicio se não leya. Porém nenhum foy visto com mayor attenção, do que o *Descuido Critico* dos Sapiientissimos Collegiaes Gestianos, Anonymos Censores de X, *Dato Fœmineis*, por criticar huma obra, que compoz com tanto acerto o Senhor Vasco de Mendanha Coelho, que em premio do seu merecimento, com geral approvação deste Hospicio, o remunerou o nosso Presidente o Senhor João de Andrada com o emprego de *Bibliothecario* deste Collegio. E conhecendo algũs dos nossos Collegas, que por credito do Hospicio se devia responder a esta *Critica* com huma publica Apologia, determinaraõ, que se examinasse primeiro todos os seus pontos em huma junta secreta, feita dentro na nossa Livraria. Para esta conferencia toraõ chamados por Carta do Senhor Presidente do Hospicio todos os *Mariolas* do Terreiro, Rocio, Ribeira das Nãos, Magdalena, S. Nicolao, e do Caes de Santarem, da Pedra, e do Carvão; advertindo a todos, que se ajuntassem sem falta, por ser assim necessario ao credito do *Mariolismo*, a quem



fazião guerra declarada os Collegiaes do Collegio Gestiano, fundado nas obras imperfeitas da Cotovia. Chegãrão todos em hum destes Domingos pela manhã, e vendo-se tão numerosos, imaginãrão, que haviaão de dar logo alguma batalha, ou de sustentar hum porfiado cerco; e todos se confirmãrão neste penlamento, vendo-se às onze horas assentados a huma Mesa; porque como a Mesa he aquelle campo de batalha, em que se vive do que se mata: aquelle perigozo emprego, aonde, para cada hum fazer a sua obrigação, deve ter estomago para tudo: aquelle doce despojo, em que os fofregos metem tudo a ataque, e com tudo se não dão por satisfeitos: aquelle continuado avance, em que tem partido, e perdido tantos a cabeça: nenhum duvidou, que nesse dia haveria grande batalha, vendo no campo da Mesa grande abundancia de munhões de boca, e tendo todos ordem para marchar. Ao meyo dia desejavaão todos a batalha, porque não só não temiaão ao inimigo, mas antes lhe tinhaão já boa vontade. Havia grande numero de gastadores, e grande copia de armas, entre as quaes se achavaão algumas espingardas reforçadas, que se atacãrão atê a boca. Havia polvora para todos; porque os frascos estavaão bem cheyos.

Por aqui se resolvêrão todos a principiar a batalha, que se continuou com mayor calor, quando se avistou o loccorro de Figueirò dos Vinhos, com que se tinha reforçado o inimigo. Não houve nenhum *Mariola* tão fraco, nem tão covarde, que ficasse com a espada na bainha; metêrão todos ao final de investir as mãos aos copos, e derramou-se muito sangue de velhos. Neste choque ficou logo mal ferido hum Borrachão de Campanha, a quem chegãrão todos ao couro por muitas vezes, e o apertãrão tanto, que estava continuamente lançando golfadas de sangue pela boca. Este castigo foy bem merecido por ter este Borrachão consentido a liga da marmelada com vinho, que foy huma parvoice. Avistãrão nesta refrêga hum Esquadraão Volante, em que fizeraão tanto estrago, que os mortos cahiaão como Tordos. Succedêrão immediatamente duas Alas de Frangãos, contra os quaes marchãrão com tanta raiva os *Mariolas*, que a unhas, e a dentes lhe fizeraão logo abater as cristas. Mayor resistencia achãrão em outros Aventureiros, que investiraão, como se foraão tão fracos como galinhas, mas a experiencia lhes mostrou, que tinhão bons figados. Seguirãrão-se os Ganços com boa fórma, porém não lhes valêo a guarnição que tinhamão; porque entre todos, elles principalmente pagãrão o pato. Quando estes se retiravaão feitos em pedaços, entrãrão em seu lugar dous corpos de Indiaticos, que vieraão da Conquista do Perù, os quaes erãrão tão valerosos, que pelejãrão a peito descuberto. Faziaãohe espaldas dous Terços de Eunuchos vulgarmente chamados Capoens, a quem animava com a sua gente o Capitão Coelho por alcunha o *Villaõ*, que ao principio deu especies de grande valor, mas ao depois mostrou, que tinhaão muito de cebolla. Aqui sahio de contra marcha o



Regimento da Porcariça, que deu ao *Mariolismo* muito, que fazer, aindaque voluntariamente se retirou destroçado, ficando muitos alombados, principalmente Monsieur Leitão com huma penetrante ferida na cabeça, e tão grande, que lhe apparecião os miollos. A' vista deste destroço picarão de roda Dom Payo Salgado natural do Alem-Tejo, que pouco tempo antes tinha vindo tomar lingoa. Rendeo-se Monsieur Lacão de Lamego com huma ferida em huma perna, da qual pouco depois acabou, não obstante ter sido por muito tempo bem curado. Estando todos fatigados, e quasi enfastiados da marcha, e da peleja, mostrando que tinha fevra o Esquadrão da Vacariça, e vimos o caldo quasi entornado. Quiz Deos, que se retirou para o Campo do Curral, que a não ter assim, haviaõ de tornar todos os *Mariolas* a vaca fria; porque lhe hia chegando a mostarda aos narizes. Com esta retirada parecia estar de todo vencido o inimigo, eisenhão quando avistarão os *Mariolas* hum grande Esquadrão de Castanhas em fôrma de ouriços, e aindaque logo foy roto com muito fogo, com tudo difficultarão muito a vitoria, por lhe acudirem todas as frutas, principalmente as Romãas com grande copia de granadas, e custaria o triunfo ameixas de conserva, se não desmayarão todas, vendo a hum melão com as tripas fóra. Aqui rendêrão as uvas toda a bagagem, e entre as pessoas de distincção ficarão prisioneiros alguns Senhores da Casa de Alva, Fernão Pires, Rodrigo Affonso, e hum Principe da Ethiopia muito Fidalgo, ainda que bastardo. Perdida a batalha, hião fugindo os figos com o Regimento do Algarve, e com tanta preça, que ao tempo, que lhe quizerão sahir ao encontro, já erão passados. Nesta emboscada lhe fez o inimigo rosto com huma Cara de assucar, a cuja disposição, estavam todos os doces, governados pelo Principe das marmeladas; mas como vio tudo destroçado, mandou tocar as caixas a recolher. Como já não havia, quem nos fizesse papo, levantamos o campo, encontrando alguns palitos, com que esgravatamos os dentes. No fim deraõ todos os Senhores *Mariolas* graças a Deos pelo bom successo, e antes que cada hum se recolhesse ao seu quartel, se lhes deu noticia de outra contenda mais arriscada.

Leo-se a todos a *Critica* dos Senhores Censores de X, *Dato Famineis*, e ventilados (em auzencia do Senhor *Bibliothecario*) todos os seus fundamentos, por reconhecerem alguns destes Senhores não terem os Criticos outro motivo senão o da inveja, votarão, que a melhor confutação era o desprezo; mas como nas Communidades grandes raras vezes se conformão os animos, e os juizos, prevaleceo a opinião contraria, sustentando com boas razões, se lhe devia dar logo a resposta. Elegêrão para isto em Claustro Pleno aos dous Guardas da Bibliotheca, para que defendessẽm o credito do Hospicio, sem occuparem ao Senhor *Bibliothecario*; porque convinha ficar livre deste emprego, para poder occupar-se em outras obras de mayor gloria do Collegio, e utilidade da Republica.



Para lhe darem esta incumbencia, foy chamado o Senhor *Bibliothecario* à Mesa, e depois de tomar assento, leraõ os Guardas da *Bibliotheca* o *Phenomeno*, o *Sarrabal Saloy*, o *Sonho d'El Rey de Maquinez*, a *Onomatopeia*, a *Historia Galega*, as *Consequencias do Phenomeno*, a *Carta de Constantinopla* traduzida por *Sebastião Pires Correya*, e o *Eclipse do Imperio Ottomano*, e sobre estes papeis lhe mandaraõ interpor o seu parecer, entendendo seria tão acertado, que poderia fahir a luz composto com a sua grande erudição, e costumado engenho. A respeito do *Phenomeno*, *Sarrabal Saloy*, *Historia Galega*, e do *Sonho d'El Rey de Maquinez* disse em poucas palavras, que tudo aquillo era sonho, em que naturalmente quanto representa a fantasia, he hum grande despropósito; porque todas aquellas ideas eraõ sonhos; e aonde são muitos os sonhos, ainda são mais as vaidades: *Ubi multa sunt somnia, plurima sunt vanitates.* (Ecclesiast. 2. 15.) Sobre a *Carta de Constantinopla* discorreo, mostrando, que não era composta, nem escrita pelo Mercador Francez, senão por algum Turco do Imperio Ottomano; porque o seu estilo, discurso, e fraze em tudo era barbaro. Provou, não serem as *Consequencias do Phenomeno* illações deduzidas com bom discurso das suas premissas. Dezacreditou o *Eclipse do Imperio Ottomano*, afirmando, que o seu Author andara por todo o Mundo à *gandaya* buscando preciosidades entre immundicias; porque com vozes barbaras, e palavras Portuguezas, descrevendo ricos Templos, Thronos preciosos, e magnificos Palacios fez hum discurso elegante. Mostrou ter a *Onomatopeia* além de muitos erros do juizo de seu Author, outros muito mayores, por culpa de hum Corrector já falto de vista; porque deixou passar *Bosphoro* por *Phosphoro*; fazendo tambem com o seu grande descuido a Christierno (e não Christiano) IV. Rey de Dinamarca não menos do que pay de si mesmo; porẽm como o seu Author promettia no fim huma Embaixada, e de presente tinha vindo a esta Corte hum Passaro de Turquia, que fora morto nos Bosques de Panças, queria referir os effeitos, que nos Animaes daquellas Selvas tinha feito a sua Embaixada, para com esta relação mostrar o conceito, que os *Mariolas* deviaõ fazer daquella obra. Vendo, Senhores, o Leão, que por nascer coroadado he por direito natural Rey dos Animaes, e ao mesmo tempo, que estava enfadado de viver nas brenhas sem o decoro devido à sua grandeza, e Magestade, o vinha convidar com o governo do Imperio Ottomano aquelle desconhecido Passaro, convocou para as sombras de hum bosque o mais luzido dos seus subditos, para com elles povoar huma populosa Cidade, que pretendia edificar à maneira de Lisboa, para ser (como esta profetizado) a Corte deste quinto, e ultimo Imperio do Mundo. E examinando as qualidades, prendas, inclinaçoens, exercicios, e obras de cada bruto, escolheu os animaes, que lhe pareceraõ mais aptos para o Governo Politico, e Militar; distribuindo por elles as dignidades, e officios assim nobres, como mechanicos da nova Republica por este modo.



Chamou primeiramente à sua presença o Lynce, a quem honrou com o título de Vedor mór, e mandoulhe, que edificasse Palacio na Boa Vista, emprego, que o Lynce accitou de boa vontade, porque havia muito tempo, que estava com os olhos nelle. Em segundo lugar chamou hum Cão de caça, a quem deu o título de Monteiro mór, fazendo-o Senhor de Faro de juro herdade para si, e seus filhos, e deixandolhe o dominio de Pé de cão; mas este Cavalheiro, passado algum tempo, se retirou da Corte, porque hindo com ElRey hum dia à caça, o tratou como hum podengo; porém attendendo o Leão aos seus grandes, e leaes serviços, deu a seu Primo, que era hum Cão de agoa, a superintendencia dos portos molhados. A terceira sorte cahio sobre o Boy, que o Leão proveo com o título de Official mayor da Junta, e Superintendente das carruagens, com huma Commenda na Vacarissa, e para seu Palacio lhe deu o Campo do Curral. O quarto escolhido foy hum briofo Ginete, a quem fez o Leão a mercê do título de Cevadeiro mór da Casa Real, e logo teve lugar em huma Tropa de cavallos; a este se juntou hum Mosquito por trombeteiro, e destinoulhe para sua habitação o Val de Cavalinhos. Seguio-se o Ouriço Cacheiro, o qual se deu por bem accommodado com o fazer Senhor de Chaó de Macãs, e Dizimos de Pomares. Proximo a este foy despachado o Camaleão, aquem fizerao Senhor de Buenos Ayres, deputandolhe para vivenda o Bairro alto. Com igual fortuna conseguiu o Macaco ser Governador da Torre do Bogio. O Caruncho foy eleito Governador da Ilha da Madeira, aonde lhe deu o Leão huma Commenda.

Imaginavao todos os Animaes, que ja os lugares, e os empregos de mayor reputação, e honra estavam providos nos Pretendentes: quando o Leão, lembrado de que estavam ainda vagos alguns Officios, e occupaões da Casa Real, nomeou logo a Corça para Dama do Paço, a Traça para Guarda roupa, a Cabra para Ama de Leite, ao Carneiro para, como Corregedor do bairro, acompanhar o Executor da Justica no Campo da lã; e para o Povo viver com mayor commodidade, lhe fez mercê do sitio de Val Verde. Estava neste tempo muito desconfiado a quelle Bichinho de Hierusalem, que ha poucos annos chegou a Portugal em huma Gazeta; porque sendo tao celebrado, e de partes tao extraordinarias, que o não havia mais bem pintado, ainda assim não faziao cazo d'elle; porém o Leão o fez seu Camarista, e para o servir com menos trabalho, lhe ordenou, que passasse logo das casas do Arco dos Cegos para o Arco das Mentiras. Inculcou o Camelo a sua grandeza, que desejava ver remunerada com algum cargo na Corte do Leão, e fez nesta pretensão tanta força, que levou o de Mariola Mór, e para sua habitação o Verdepezo. Reconciliando-se a Onça com o Leão seu inimigo, lhe fez este Rey mercê do lugar de Juiz da Balança. Prevendo o Leão, que os Estrangeiros havião de estabelecer o commercio dos vinhos, deo à Lagarta das vinhas o Consulado dos Inglezes.



Repartidos por este modo os empregos, e officios politicos nas pessoas mais benemeritas, nomeou para os postos Militares os fogeitos mais valentes; e com tudo não faltaraõ descontentamentos, mostrando-se muito sentido o Elephante, que por lhe não darem lugar competente à sua grandeza, ficou trombudo. Dizem, que a causa de não ser provido, conforme o seu merecimento, fora; porque em hum dia de bejamaõ na presença d'ElRey não dobrára o joelho. Constando ao Leão a grande prudencia da Serpente, a nomeou por Coronel do Terço dos Dragões. Para Assistentas nomeou a Formiga, e o Gorgulho. Excluirão alguns Zelosos do serviço d'ElRey a huma parenta deste Coronel, que de raivosa parecia huma Vibora. Na repartição dos officios mechanicos não houve descontentamentos; porque a Abelha facilmente se deo por contente com officio de Serieira, ficando sua filha por Moça da vella. O Coelho accomodou-se com o officio de Sarralheiro, o Lobo de Carniceiro, a Lebre de postilhaõ, o Rato de Dispenseiro, e a Aranha de Armador. Foy muito para rir, ver, e notar a variedade de effeitos, que na Republica dos Animaes causou a novidade, e differença dos despachos. Os escolhidos, e benemeritos celebravaõ com desentoadado applauzo a sua eleição, e felicidade; e os excluidos, e desenganados por diversos modos publicavaõ o seu grande sentimento. Lembrame, que vinhaõ alguns Animaes venenosos dizendo sapos, e lagartos. A Toupeira teve tão grande pena, que se foy enterrar viva. A Doninha sempre andou gritando em casa. O Bicho da Seda rebelou-se contra a Corte, e Reyno dos Animaes terrestres, e passou para o Imperio das Aves. A Raposa adoeceu de pura melancolia, pela não elegerem para Conselheiro de Estado, e ha muito tempo, que está de regimento, não passando de galinha. A Cigarra gritou com tanta força, que rebentou de paixão. O Gato botou por estes telhados. O Bode para mayor demonstração do seu grande sentimento, nunca mais fez a barba; e o Caracol não tornou a sahir de casa. Porém ainda foraõ mayores os disgostos na Corte de Leão, quando os Senhores do Governo viraõ, que o *Passaro Embaixador* a pezar da morte deixara a *Lisboa fingida*, e viera para a verdadeira Lisboa dar a sua Embaixada, aonde resuscitou, como a *Phenix das tempestades*, à nova vida, porque dentro no Paço lhe deu outra alma a pintura. Não pode a morte violenta impedir aquella Embaixada, que parece tinha disposto a Providencia; e à vista de tão extraordinario successo, mostrou, que deviamos dar credito, ao que se publicava na *Onomatopeia*; porque se o Monarcha, a quem devia render obediencia o Imperio Ottomano, era *Aguia*, e não *Leão*, não para o *Leão*, mas para a *Aguia*, veyo de Turquia voando, como Embaixador, hum tão famoso, e celebrado Passaro.

Com esta relação do *Bibliothecario* ficou tão estimada entre os Mariolas a *Onomatopeia*, que por estar já extincta a sua impressão, sahio segunda vez a luz da Officina da Confeitaria; porque como tinhaõ chegado de Coimbra a esta



a esta Corte de Lisboa todos os doces, para seguirem o seu agravo na Casa dos *Supplicacionis*, tivèraõ todos estes, e outros papeis muito gasto. Contaremos brevemente esta novidade por ser importante, e muito gostosa esta noticia. Havia muitos annos, que os Estudantes de Coimbra traziaõ os doces entre dentes, atè que foraõ denunciados no Collegio da Baeta por dous crimes, que contra os Academicos tinhaõ cõmettido, pelos quaes deviaõ ser asperamente castigados. Era o primeiro, terem dado grandes pancadas nas suas bolças, e às vèzes nos vazios: e o segundo fazerem tanto mal à faude dos Academicos, que eraõ muito poucos, os que não morriaõ pelos comer. Estes Crimes se fizeraõ mais aggravantes com a circumstancia da alcivofia; porque se provou, que para causarem este damno, a todos faziaõ primeiro a boca doce. Enfureceraõ-se tãdos contra os doces de forte, que os queriaõ engulir! Outros lhe tinhaõ tão boa vontade, que os comeriaõ a bocados. Chegaraõ a ver-se os doces tão perseguidos, que a muitos não valeo o Sagrado, estando reclusos nos Conventos das Freiras. A outros quebraraõ a carta de seguro, que se lhes tinha passado pelo seu Conservador; e como se todos foraõ freiraticos, como os *bolos de grade*, a todos se ordenou, que apparecessẽm na Mesa para fazerem termo.

O primeiro, que appareceo naquelle severo Tribunal, foy o Paõ de Lò, que como não sabia com certeza, em que estava culpado, entrou, conforme costumava, todo sofo, e vestido de amarelo gemado; porẽm ouvindo os delictos graves, de quẽ o arguiaõ, e não tendo outra defeza, allegou, que os cõmettera estando bebado; e por não parecer bastante esta desculpa, mandaraõ os Juizes, que como bebado morresse afogado em vinho. Seguiu-se o Açúcar roçado, e vendo, que lhe mandavaõ correr folha, disse todo delambido, que se não alterassem, nem enfurecessem contra elle os Senhores Juizes, porque facilmente se purgaria de todos os imputados delictos, por ser pessoa, que pertencia ao Foro da Botica, para onde declinava. Receberaõ-lhe a excepção declinatoria, ordenandõ, que havida verdadeira informação, se fizesse o que dissessem tres Boticarios. Com desigual fortuna sentenciaraõ ao Caramello. Vendo elle, que os seus delictos eraõ tão claros como agoa, pedio com grande humildade, que lhe perdoassem, attendendo-se, a que no Verão passado lhe confiscaraõ os bens, chupando-lhe os goloços, quanto tinha; mas por não ser recebida a sua defeza, julgaraõ, que fosse lançado pela agoa abaixo. Melhor succedeo ao Alfenim, porque sendo convencido, deu tantas voltas ao seu negocio, atè que escapou. Estavaõ neste tempo tão pequeninos os Confeitos, que bem mostravaõ o grande medo, que tinham; e com muita razão, por estarem condemnados a morrerem enforcados; porẽm enfim livraõ por menores. Isto não poderaõ conseguir os Talos de Alface, por serem já talucos, e muito espigados. Ninguem esperava, que as Amendõas tivessem bom succet-



fo, porque além das culpas commuas, vinhão algumas muito crespas; com tudo tiverão tantos amigos, e tantas razões a seu favor, que sahirão livres; porém com condignaõ, que seriaõ obrigadas a acompanhar os Estudantes, que pela Somana Santa corresse as Igrejas. A marmellada, que estava bem desconfiada da sua causa, conseguiu hum favor não esperado na grande variedade de votos dos Juizes, porque huns eraõ de parecer, que a comessem crua, outros votaraõ, que a fizessem em bocados. Esta discordia se compoz, convindo todos no parecer de alguns Politicos, que a dayaõ por absoluta da instancia, por ter sido muito util para o Reyno na dieta de Cambray. Semelhante felicidade esperavão os Pessigos de Coimbra; mas succedeo-lhes tão mal, que publicamente lhe correrão a caxa. A Abobora padecco mais que todos os doces, porque a ralarão, e a Chilacayota esteve à dependura por hum fio. Entrarão muito confiadas as ameixas, cuidando, que tinhão huma mina de carço; mas sabido o caso, custou-lhes o livramento ameixas de conserva; porque tiverão por grande felicidade não serem condemnadas em mais penna, que reclusão perpetua em Santa Clara, aonde se mandou que fossem feitos em picado certos pastelinhos. As Peras tinhão culpas em aberto, mas foubearão-se cubrir. Os doces do Natal como mais fogosos appellarão da Sentença para a cata dos *Supplicacionis*, e gastaraõ tanto na demanda, que empenharaõ os Morgados; mas estavam com animo de sahir de festa, e correrem cannas de assucar, e argolinhas de doce se tivessem sentença a seu favor, como provavelmente terãõ provimento na appellação, porque o Massapaõ no seu depoimento jurou pela hostia, que não tinhaõ culpa. Com grande tyrannia, e sem razão sentenciaraõ a Escorcioneira; porque estando innocente, por sentença publica lhe mandaraõ quebrar as pernas. O celebrado Melaõ de Santarem esteye em grande perigo; mas como era Letrado, e não tinha pevide na lingua, arrezouo também a sua causa que vendo o Promotor Fiscal as suas razões se callou como melão. Os Limões, que tinhão vindo do Brasil em conserva da Frota, avocaraõ a sua causa para esta Corte, e foraõ remetidos ao Limoeiro. Estavaõ muito empenhados os Juizes em confiscarem os bês aos Oyos Reaes, por serem muito ricos; mas livraraõ felizmente porq os seus bês erão vinculados em Capella. Não desfayava à vista deste rigor o Manjar branco fiado nos seus bons, e muitos amigos, mas sabindo condemnado, a que lhe comessem as tetas ficou de todo mamado. Affirmavaõ os Juizes, que haviaõ de frigir os Sonhos; porém elles se defenderaõ, provando com fortes razões, que as suas culpas eraõ sonhadas, e mostrando, que não havia Ley, que mandasse castigar delictos cõmettidos por sonhos. Finalmente como o Assucar era a cabeça destes Criminosos, e complice nos seus delictos por voto de todos os Juizes foy queimado. Sentio-se geralmête em Coimbra esta desgraça do Assucar, por ter hũ fogeito de tão peregrinas partes, e de grande engenho, como tinha mostrado nas occasiões, em q esteve de ponto. Tinha hũa con-

dição



dição tão suave, que para dar gosto a todos se fazia em mil manjares, tratava a todos com genio tão festivo, q̃ velo em qualquer galhofa eraõ cannas, e nas festas dos Mascarados apparecia com differentes caras. Os doces de Lisboa ficaraõ tão envergonhados com as sentenças, e castigos, que se executaraõ nos seus parentes em Coimbra, que atẽ não sahirem os recursos, que se esperaõ, não tem cara para apparecer, e dentro em suas casas estaõ quasi todos empapelados. Nisto consumiraõ os papeis, que se imprimiraõ em Lisboa, com grande fortuna dos Impressõres, que a não terem este consumo lhes serviriaõ para mechas. Ficaraõ os Senhores *Mariolas* muito satisfeitos da grande capacidade, e boas noticias do seu *Bibliothecario*, cuja eloquencia celebraraõ com Musica de marimbas de Pretos, em lugar de charamellas, e com toque de chuchalhos de Aguardeiros em vez de repiques de sinos; e para empregarem o seu talento na composição de obras, que dessem credito ao Hospicio, mandaraõ que os dous Guardas da Bibliotheca fizessem esta Apologia em defeza do Senhor *Bibliothecario*, e que elle se occupasse em criticar os papeis referidos. Tomada esta resolução se desfez o Congresso, e principiou logo o *Bibliothecario* a compor a sua Critica, que brevemente sahirá a publico.

Entaõ conhecerão os Leitores de todos os papeis referidos, que os escreveraõ de noite com pennas mal aparadas as mesmas mãos, que de dia se tinhaõ exercitado com as enxadas; porque tal varredoura de noticias bem parece pa, enxada, e vassoura de Ribeirinhos. Algum dia celebrava com razão a nossa Corte a subtilidade dos conceitos de hum homem Official, que furava muito com a ponta da fovelleta; mas hoje he lastimosa cousa ver em Lisboa impressas as obras dos Albigebes, porque sahem todos os dias dos Prelos huns discursos, que na verdade saõ mantas de retalhos. Muito melhor seria, que sahisses estes papeis compostos por Esteireiros, Ourives, ou Tripeiras; porque das suas mãos sahiriaõ como os molhos mais bem atados, como os metacs mais bem ligados, e como as esteiras mais bem tecidos. Sendo as noticias do Calçado Velho, parecem nascidas na Rua Nova. Para povoarem o bairro da Esperança, não sabem hir buscar novidades se não à Mouraria; mas sem nenhum temor da mordacidade dos Zoylos, nem receyo da censura dos Momos mostrará brevemente o nosso *Bibliothecario* ( como se lhe tem ordenado ) que o *Sarrabal Saloy*, as *Consequencias do Phenomeno*, o *Eclipse do Imperio Ottomano*, e outros papeis, que sahirão da nova Officina de Maúricio Vicente de Almeida não foraõ estampados no *Arco das Pedras negras*, senaõ depois de compostos no *Arco das mentiras*; porque os seus Authores facilmente juntaõ cousas tão firmes, e separadas, como o *Arco do Ouro*, e o *Arco dos Pregos*, para com a uniaõ de varios edificios fazerem (à custa de quem compra) não menos, que pregos de ouro. E sahindo a publico com estas obras, tão envergonhados estaõ de serem seus Authores, que deixando os seus nomes nos Cubertos, vão buscar outros nos Espaços imaginarios. Tudo



isto provará com grande evidencia, e mayor confiança o nosso *Bibliothecario*, porque o Collegio dos *Muriolas* resolveo no ultimo ponto da sua conferencia, que havia de ser defensor destas Obras, contra a mordacidade dos Criticos. Não só protesta de multiplicar Apologias contra as esperadas, e já promettidas censuras, que os seus Authôres podem ter por tentações diabolicas; mas promette de imprimir, não aos centores as obras, senão nos criticos as suas insignias. Todos sabem, que as insignias deste Collegio são huma gravata, como canga, hum laço, como corda, e hum bastão, como tranca; e para responder a quem os censura basta imprimirlhes a tranca pelas costas, porlhes a canga no cachaço, e ápertarlhe a corda na garganta.

Não querem dizer com isto, que intentão, como os Turcos, defender as Obras do Collegio às pancadas, porque somos tão politicos em Lisboa os *Muriolas*, q̃ estranhámos muito entre os Sabios estes escandalosos excessos. Censuramos a Joáo Baptista Ignacio Veneziano dar huma quasi mortal punhalada em Rebotello por resposta aos pontos da tua Critica. Execramos o cruelissimo assassinio de Pedro Ramo executado pelos sequazes de Carpannier, querendo com huma violenta, e tyranna morte delagravar ao Philosopho Aristoteles, aquém o mesmo Ramo tinha impugnado com demasia. Detestamos o abominavel homicidio do celebre Mathematico Regiomontano, ou Joáo Muller de Königsberg, ao qual por ter criticado os escritos de seu pay, matárao os filhos de Jorge de Trebizonda com veneno. Mas não podemos deixar de lembrar aos Criticos a quem esquece, e de advertir aos Censores, que o ignoraõ, que o mayor castigo para hum Critico de juizo, e de vergonha, he ver-se confundido com huma douta Apologia. Empenhando-se o mesmo Jorge de Trebizonda em censurar as obras de Plató, ficou tão envergonhado, e corrido com as respostas do Cardeal Bellarion, que perdeu quasi de todo o juizo, e ficou lastimozamente sendo objecto ridiculo de publicos esgarneos. Entre Catholicos, e Herejes he hoje escandaloza a memoria de Gaspar Sciopio por querer desacreditar os escritos do celeberrimo de *Tou*, do grande *Estrada*, do insigne *Escaligero*, e do famosissimo *Vossio*; porque sempre cahiraõ na indignação dos Sabios os injustos censores, que murmuraõ sem razão dos Varões scientes, como succedeo nos seculos passados a Lycon, Anito, e Melito pelo atrevimento, com que criticaraõ a Socrates. Porém quando os Collegiaes Censores do nosso *Bibliothecario*, como Anonymos desconhecidos, não temão perder a reputação, por estarem os seus nomes incognitos, nem o juizo por serem homens loucos, saibaõ, que os Escriitores do Hospicio publico do Loreto não tem nenhum medo dos Criticos do Collegio de Gestas; porque sendo muitos os seus Collegas, e todos homens de grandes forças, armados com grossas, e boas trancas, não podem temer o rancho das catanas.



**P** Rincipiamos com tão grande auspicio a nossa Apologia, por onde sem vergonha acabamos o Prologo. Censurão os Senhores Collegiaes em primeiro lugar, como grande *Descuido*, dizer o Senhor *Bibliothecario*, que affistia no Hospicio publico do Loreto; porque com esta confissão ficava conhecido por *Mariola*. Provaõ esta proposição com a declaração, que o Senhor *Bibliothecario* tinha feito no seu Prologo; porque não podia deixar de ser homem de ganhar, dizendo, que fazia aquelle papel para o vender. Bem mostrão os Senhores Collegiaes nesta imaginada calumnia, que não são Candidatos do Parnazo. Os homens, que com venenosa penna defabafão, não são animados das Musas, as Furias os incitaõ. Reparando Sinclio, em que nunca tiverão as Musas altares separados, disse, que nisto se divizava a concordia em que sempre viverão. A emulação dos homens doutos não he discordia, he, como lhe chama Hesiodo, contenda discreta. Competir com o nosso *Bibliothecario* depois de lhe chamar *Mariola*, he querer emparelhar com elle na competencia; e quem deshonra ao seu competidor, a si proprio desacredita. Sejamõs competidores, e não inimigos, porq̃ feremos amigos, sendo pela igualdade semelhantes. Venhaõ embora todos os nossos Censores fazer-nos companhia neste Hospicio; porque neste Collegio não se fechaõ as portas, aos que buscaõ este refugio. A todos se daõ nelle as occupações, conforme as suas forças, para que ninguem se queixe, de que lhe daõ cargo com que não pôde. Os pretendentes, que nos outros Tribunaes não sahirem despachados, por lhes saltarem merecimentos, e lugares, vindo para o nosso Hospicio, com quaesquer merecimentos escolhem os lugares, e os despachos; porque tomaõ os cargos, e os assentos à medida do seu desejo. Nunca os nossos Collegas estaõ fora do serviço da Republica. Os seus empregos duraõ toda a vida: entra-se nelles sem habilitação, nem exame, levaõ-se sem opposição, e nunca se lhes tira residencia.

Não deixem os nossos Censores de nos fazer companhia reccando, que lhes chamem *Mariolas*, ou, como elles dizem, *Homens de Ganhar*; porque todos os homens merecem o mesmo nome, exercitando-se em qualquer emprego. Não ha ninguem neste Mundo, que não seja, como *Homem de Ganhar*, Collega do Hospicio dos *Mariolas*. Todos os filhos de Adam devem ganhar o pão para comer com o suor do seu proprio rosto: *In sudore vultus tui vesceris pane*; e os que assim o comem, como nós tambem o ganhaõ. Para que nos lançaõ logo em rosto hum bocado de pão, que nós comemos tão suado? Nós, como verdadeiros filhos de Adam, comemos o nosso pão ganhado com o suor do nosso rosto, e os nossos Censores, se não são *Homens de Ganhar*, comem, como aves de rapina, o pão não seu, adquirido com o suor do rosto alheyo. Estes, que nós temos visto muitas vezes no Campo da Lãa, com a corda na garganta, são os que nos censurão a corda no peçoço: estes, que lá se sustentão em tres,



pãos, são os que motejaõ o pão, que nos sustenta : estes, que murmurão de nõs trazermos hum cargo às costas, para sustentar a vida, são os que a perdẽm pela não quererem ganhar, morrendo com o carraasco às costas : e estes, que morrem enforcados, porque furtão, sendo huns ladrões sem vergonha, tem muito de que se envergonhar, não sendo vergonhoso para os *Homens de Ganhar* o seu honrado, e honesto trabalho. Não se envergonhavaõ nossos primeiros Pays, estando no Paraizo para trabalhar: *Ut operaretur, & non erubescerent*; mas tanto, que furtarão o fruto prohibido, ambos se esconderão, como envergonhados : *Abscondit se Adam, & uxor ejus*. No Sermão do Bom Ladrão disse o Padre Vieira, que faltavaõ poucas letras a Adam para Ladrão, e ao fruto não faltava nenhuma para furto; e tendo o furto fruto tão vergonhoso para hum homem a quem faltavaõ letras para ser ladrão, não se envergonhou de ser trabalhador. Envergonhar com o trabalho, e furtar com vergonha, para sustentar a vida, he degenerar das acções de nossos primeiros pays; porque se tiverão vergonha de furtar, não tiverão pejo de trabalhar, para comer : *In laboribus comedes*; e quem para comer tem pejo de trabalhar, como não pôde de outro modo sustentar a vida, para viver sem pedir, ha de furtar sem vergonha. Por tres modos ganhaõ os homens de comer : trabalhando, pedindo, ou furtando; e todos estes modos de ganhar a vida cobrem aos homens o rosto: o furto com a vergonha, o rogo com o pejo, e o trabalho com o suor; mas com a mesma habilidade com que os ladrões livraõ o rosto do suor, livraõ tambem a cara da vergonha; por isso com cara de pouca vergonha (envergonhados de pedir) pedem as bolsas, ou as vidas.

Não disputamos neste lugar qual destes tres modos de ganhar a vida he o melhor, e o mais honrado; porque o ladrão com o que junta não vive honrado, e morre sem honra. O pobre morre de fome, e não tem com que viva; e só o trabalhador tem com que viver; porque trabalhando para ganhar a vida, tem honradamente com que passar sem vergonha. He tão honrado o instituto dos *Homens de Ganhar*, que em todos os Estados, e em todas as Nações do Mundo, imitaõ aos Collegas deste Hospicio todos os homens honrados. Não olharemos para nenhuma parte do Globo Terraqueo, em que não vejamos os homens occupados como *Homens de Ganhar*. Huns veremos occupados em ganhar riquezas; outros em ganhar honras : outros em ganhar fama : outros em ganhar opiniaõ : outros em ganhar estimação : outros em ganhar agrado : outros em ganhar victoria : outros em ganhar o jogo : outros em ganhar o valimento : outros em ganhar o premio : outros em ganhar a aposta : outros em ganhar o vento : outros em ganhar a occasiaõ : outros em ganhar o tempo ; e outros em ganhar o Ceo. Esta he a negociação, que aos seus servos mandou fazer aquelle Rey, que com elles repartio os Talentos : *Negotiamini dum venio*; e os Servos, que com os Talentos negociaraõ, foraõ os que ganharaõ a gloria. Não he o mais admiravel,

que



que os homens ganhem o Ceo, mas que o Ceo seja semelhante ao homem negociador: *Simile est regnum Celorum homini negotiatori*; e semelhante ao homem negociador, com quem o Ceo tem semelhança, são os *Homens de Ganhar*, porque só ganha quem negoceia; e assim como não ha ninguem neste Mundo, que não seja homem negociador, tambem ninguem ha, que não seja *Homem de Ganhar*. Ganha o Cavador negociando com a enxada. Ganha o Lavrador negociando com o arado. Ganha o Official negociando com o Salario. Ganha o Mercador negociando com o Commercio. Ganha o Piloto negociando com o Navio. Ganha o Pescador negociando com a rede. Ganha o Letrado negociando com o Conselho. Ganha o Escrivão negociando com a penna. Ganha o Barbeiro negociando com a navalha. Ganha o Cirurgiaõ negociando com a lanceta. Ganha o Boticario negociando com a receita. Ganha o Medico negociando com a visita. Ganha o Musico negociando com a voz. Ganha o Ministro negociando com a vara. Ganha o Dezembargador negociando com a beca. Ganha o Soldado negociando com a espada. Ganha o Capitaõ negociando com a gineta. Ganha o General negociando com o bastão; e ganhão finalmente todos, os que não furtaõ, e licitamente negoceão.

Aquelle grande negociador da Corte Romana, que ganhou sete milhões e meyo de renda, dizia sendo Stoico, que se do Mundo tirassem os olhos alheios, nada se faria do que o mesmo Mundo admira, e preza: *Nemo oculis suis Laetus est: ubi testis ac Spectator abscessit, subsidunt omnia, quorum fructus monstrari, & conspici*; (Senec. Epist. 9. 5.) e o mesmo succederá se do Mundo se tirarem as utilidades, e conveniencias proprias. Tirem-se os interesses, que os homens ganhão com os seus empregos, e veremos as Cidades despovoadas, os campos sem cultura, as occupaçoens acabadas, e o genero humano quasi extincto. Sem conveniencias, não haverá casamentos; e là vão os homens. Sem conveniencias, não haverá cearas; e là vão os Lavradores. Sem conveniencias, não haverá pagas; e là vão os officios. Sem conveniencias, não haverá comércios; e là vão os mercadores. Sem conveniencias, não haverá Frotas; e là vão os Navios. Sem conveniencias, não haverá boticas; e là vão os Medicos. Sem conveniencias, não haverá demandas; e là vão os Letrados. Sem conveniencias, não haverá Tribunaes, e là vão os Ministros. Sem conveniencias, não haverá batalhas; e là vão os Exercitos. Sem conveniencias, não haverá creados; e là vão os Senhores. Todos os homens são os membros, que compoem este grande corpo do Mundo moral; e o interesse he o espirito, que anima este corpo. Keplero seguindo aos Philosophos Stoicos entendeu erradamente, que o Mundo natural era hum animal muito grande, e Plataõ, seguido por Boecio, imaginou, como Gentio, que este grande animal tinha alma. Porém eu ainda que não figo a Plataõ, nem a Keplero no que dizem do Mundo natural, affirmo que he verdadeira a sua Philosophia no Mundo moral; porque todos os homens juntos com-

poem



poem hum animal muito grande, animado com o espirito do interesse. He o interesse aquelle espirito universal, que move, e anima todas as acções humanas: anima os entendimentos, porque os move: anima as vontades, porque as muda: anima as memorias, porque as altera: anima as inclinações, porque as vira: anima os genios, porque os troffe; e anima aos homenis, porque ao reclamo do interesse todos acodem. Ninguem repara na indecencia dos meyo, se o interesse persuade as utilidades. Estranhava Tito ao Emperador Vespasiano a torpeza do tributo, que pozera à ourina, e tomando o Emperador huma das moedas, que lhe rendia o tributo, a meteo na mão ao filho, para que visse, que não tinha mão cheiro. A este Hospicio vem dinheiro de todo o Mundo, e todo como no Theouro de Vespasiano tem o mesmo cheiro, todo tem a mesma cor, todo tem a mesma figura, e todo tem o mesmo valor; e se no dinheiro não há differença, tambem a não há no modo de o ganhar. Todos ganhamos a vida com o nosso trabalho, e no trabalho todos temos a nossa cruz, que senão pôde levar senão às costas.

## §. II.

**D**Epois de chamarem *Mariola*, e *Homem de Ganhar* ao nosso *Bibliothecario*, criticarão a sua obra os dous Censores, dizendo, que toda a sua erudição era velha, e alheya; porque todas as noticias, que trazia erão furtadas de varios Livros. Esta censura logo parece dos Collegiaes do Collegio de Gestas; porque julgando aos outros por si, entendem, que todos os que se aproveitaõ do alheyo, são ladrõens. Não se aproveitou o nosso *Bibliothecario* de noticias alheyas como ladraõ, se não como *Homem de Ganhar*; porque como *Mariola*, andou mudando, o que estava em huma parte para o pôr em outra parte. Nestas mudanças de facto alheyo se parecem com os *Mariolas* todos os homens mais doutos; porque para ganharem a fama de sabios, o credito de eruditos, e tambem o dinheiro, pelo qual vendem os Livros, não fazem mais, do que acarretar noticias, que estão em casas alheyas; e nesta laboriosa mudança não há nenhum Author erudito, que não trabalhe mais, que hum *Mariola*. Nenhum *Mariola*, ainda que seja tão agyгантado, e valente como o filho d'ElRey de Gratuão, levará de huma vez às costas todos os Livros, com que carregou Lourenço Beyerlinck, quando para ganhar tanto credito, fama, e dinheiro compunha o seu *Theatro da Vida Humana*. O *Theouro das Antiguidades da Grecia*, e *Roma*, de Grevio, e Gronovio, o *Theouro das duas Lingoa Franceza*, e *Hespanhola de Cesar Oudin*, o *Theouro da Lingoa Franceza*, e *Hespanhola de Jeronymo Victor*, o *Theouro Philosophico de Estevão Chauvin*, o *Theouro da Lingoa Franceza*, e *Latina do Padre Gaudin*, o *Theouro da Lingoa Italiana*, e *Latina de Pedro Galefino*, o *Theouro Pueril de Onofre Povio*, o *Theouro Hispanico Latino de Bartholomeu Bravo*, o *Theouro da Lingoa Portugueza*, e *Latina de Bento Pereira*, o *Diccionario Historico de Luiz Moreri*, o *Diccionario Universal do Abade de Furtiere*, augmentado por *Monfieur Barval*, o *Diccionario da Academia Franceza*,



za, o Diccionario das Artes, e Sciencias de Monsieur Corneille, o Diccionario Etymologico de Monsieur Menage, o Diccionario da Biblia de Monsieur Simon Pretre, o Diccionario da Biblia de Agostinho Calmet, o Diccionario Universal de Trevoux, o Diccionario geral de Monsieur Cesar de Rochefort, o Diccionario das Antiguidades Gregas, e Romanas de Pedro Danet, o Diccionario Mathematico de Ozanam, o Diccionario Pharmaceutico de Monsieur de Meuvé, o Diccionario Oriental de Monsieur Dherbelot, o Diccionario Economico de Monsieur Noel Chomel, o Diccionario Historico, e Critico de Bayle, o Diccionario Ecclesiastico de Arias, o Diccionario de Musica de Boissard, o Diccionario Geographico de Miguel Antonio Baudrand, o Diccionario Real de Pomey, o Diccionario de Ambrosio Calepino, o Diccionario novo Latino, e Francez do Padre Tachard, o Lexicon Theologico da João Altenstaig, Loricchio, Arquero, e de outros, o Lexicon Juridico de Simão Schardio, o Lexicon de Direito Civil, e Canonico da Alberto de Rosate, Pratejo, Weterano, Brederode, e de Elio Antonio, o Lexicon Mathematico de Hieronymo Vital, o Lexicon Chymico de Guilherme Joboutono, o Lexicon Philologico de Mathias Martinio, o Lexicon Universal de João Jacobo Hoffmanno, e o Vocabulario de D. Raphaël Blureau, ainda que são muitos, e grandes volumes, e todos carregados do alheyo, não são obras de carregação; porque não sendo a muita erudição, que trazem, fructo da sua lavra, he colheita, e não fructo da sua laboriosa diligencia.

### §. III.

**E**M terceiro lugar censuraõ os senhores Criticos ao nosso *Bibliothecario* por affirmar, que a Estatua do filho d'ElRey de Gratuão, estava na Bibliotheca publica do Castello da Ega, cujo tecto descreveo como hum Ceo estrelado, sendo o chamado Castello desta Villa hum pardieiro descoberto, sem ter dentro Livraria nem Estatua. Porém a esta noticia se responde, que a Estatua deste Principe está vestida daquelle pano, com que sahio hum dia vestido certo Rey (seria o de Gratuão) de quem falla o Principe D. João Manoel no seu livro intitulado *Conde Lucanor*, ao qual por ser tecido com rarissimo artificio, só podião ver os homens, que eraõ filhos de legitimo Matrimonio; e sendo tudo isto verdade; devem os Senhores Criticos imitar os Ministros, e Vassallos daquelle Rey, que sem o verem, todos se jactavaõ, de que viaõ o pano, e a ElRey com elle vestido, estando certamente nũ, por não ficarem como o negro, que por se lhe não fazer a face vermelha, não duvidou dizer a ElRey, que estava tão nũ, como sua Mãe o pario. Quanto a não se ver Livraria nesta Bibliotheca, se podia responder, que se não manifestaõ a todos os Volumes, por estarem encadernados nos retalhos do dito pano, que sobejaraõ aos Alfayates, quando cortaraõ a ElRey de Gratuão o invisivel vestido; porém bem pôde haver Livraria sem livros, assim como ha adega sem pipas, celeiro sem trigo, almazem sem potes. Hum engaço de uvas, sempre he engaço de uvas, ainda que não tenha bagos: huma reste de cebolas, sempre he reste de



de cebolas , ainda que não tenha senão as palhas : huma borracha de vinho , sempre he borracha de vinho , ainda que não tenha vinho a borracha. Não he logo coufa nova , que sem ter livros , seja este Castello Bibliotheca. He huma Bibliotheca de livros antigos ; porque em todas as Livrarias estão estes volumes fechados , e huns sobre outros fazendo parede com a liga das Estantes , como as pedras ligadas com a cal na Bibliotheca da Ega. Finalmente confessa o nosso *Bibliothecario* , que não ha outro tecto neste Castello senão o concavo do Firmamento , porque de outro modo não caberia nelle esta Estatua , senão sendo hum pardieiro sem telhado. E agora saberaõ os Senhores Collegiaes nossos Censores a razão , que não podem alcançar , para se collocar esta Estatua em hum edificio arruinado , e não se pôr no seu Collegio , que he hum Palacio principiado ha muitos annos , se ambos elles tem por tecto o Ceo estrelado. Não quiz o artifice desta Estatua deixalla no Collegio de Gestas , por não lha furtarem de noite os Collegiaes , assim como roubaõ , quanto por alli passa fóra de horas.

## §. IV.

**C**Enfuraõ tambem estes Senhores attribuir o nosso *Bibliothecario* as marés à entrada , que o Gygante de Gratuão faz no Mar Oceano duas vezes no dia , estando hoje averiguado ser esta enchente das agoas admiravel , e portentoso effeito do *Maelstroom* da Noroega. Vem a ser o caso. No Oceano Septentrional para a parte Occidental da Noroega , ha huma famosa voragem chamada *Moskestroom* , ou *Maelstroom* , que vulgarmente se diz ser o embigo do Mar , ou Septentrional Charybde. Tem esta voragem , segundo alguns affirmão , quarenta milhas de extensaõ , ainda que o Padre Kircker lhe dà só treze milhas de circuito. Esta voragem pelo espaço de seis horas absorbe as agoas correndo para baixo , e pelo espaço de outras seis as torna a trazer para fóra com ruido tão horrendo , que de muitas legoas ao Mar se ouve , quando o Mar está quieto. Movendo-se com furia , não he possível reter , e salvar o Baxel , que se acha na circumferencia do seu movimento. Nem as mesmas Baleas escapão , quando ao perto as apanha ; porque depois de tragadas , e despedaçadas nos penedos , sahem para testemunhas , de que foraõ sorvidas. Aparecem boyantes os seus fragmentos juntamente com os destroços dos navios ao regresso das agoas. Supposta esta verdade , não se devem attribuir as enchentes , e vazantes das marés aos repetidos lavatorios dos pés do Gygante de Gratuão , quando do ingresso das agoas procede este tão ignorado effeito.

Saibaõ porẽm os nossos Censores , que assim como Luciano no Dialogo intitulado *Icaromanipe* , faz graciosamente dizer a Manipe , que hum dia fora levado ao globo da Lua , e que chamando-o ella com voz clara , e feminina , ou de mulher , lhe pedira , que representasse a Jupiter a impertinente curiosidade dos Philosophos , que querem saber , quanto ella tem dentro em si , e procuraõ dar razão das suas mudanças ; porque huns dizem , que he povoada de gente , e ha



e habitada como a terra : outros, que fica suspenſa no Ar a modo de eſpelho : e finalmente, que todos lhe eſtaõ tomando a medida, como ſe lhe quizeſſem cortar hum veſtido. Affim, e da meſma ſorte os Senhores Cenſores nos fazem affirmar, que paſſando nõs por detraz do Sol ſeis legoas, perguntamos ao filho d'ElRey de Gratuão, ſe com effeito era verdade, o que diziaõ os Criticos Collegiaes Geſtianos a reſpeito da voragem *Moskeſtroom*, e contra o ſeu pedelluvio, ou lavatorio dos pès? Ao que elle, com voz de trovoadã, reſpondeo, que as marès ſõ procediaõ de elle meter todos os dias os pès no Mar, como o nõſſo *Bibliothecario* tinha eſcrito; e por eſta razeõ não havia marès no Mediterraneo, e em outros Archipelagos, por ſerem huns tanques taõ pequenos, que dentro delles não lhe cabiaõ, nem os calcanhares. E com eſta declaração refutava de paſſagem a Philoſophia de Scaligero, Snellio, Kircker, Gillio, Typhis, Soares, e outros Sabios, porque ló elle tinha tomado pè em materia taõ alta, e profunda. E para não deixar em pè nenhuma duvida nos referio, que a voragem *Moskeſtroom* era a porta do Palacio de Neptuno, donde ſahia, e ſe recolhia a agoa do Mar, quando eſte Numen respirava, ou tomava a inſpiração. Quanto aos fragmentos dos Navios, e pedaços de Baleas, declarou ſerem ſobejos da cozinha do Monarcha das agoas, que os coſinheiros lançaõ fóra, em fórma de eſcamas de peixe, e gravatos de lenha, como elle vio na occaſião, em que foy ſeu hospede. Neste paſſo nos lembrou, que o nõſſo *Bibliothecario* tinha dito, que por não haver lume no Mar, aſſãra o Gygante de Gratuão o peixe do Talmud na ponta do dedo, chegando a Eſphera do fogo, ao meſmo tempo, que eſcreveo houvera chocolate depois da Cea; e para nos tirar deſta duvida, de que tambem o arguiaõ os Cenſores, perguntamos ao Senhor Gratuão, o que lhe haviamos de reſponder? Entaõ deo elle huma grande riſada, dizendo, que em Thomaz Lydiato, referido por Soares no ſeu Tratado de Meteoros diſputa ſegunda, teſeõ primeira, e numero 172. achariaõ, que no fundo do Mar havia fogo, com que fervia, e ſe accendia aquella grande panela do Occano: *In profundo maris eſſe quosdam vaſtos bituminis ardentis focos, quibus olla illa maris ſuccenditur, & ebullit.* E ſabendo, qu'è o nõſſo *Bibliothecario* eſtava compondo, lhe mandou dizer, que eſcreveſſe quantos deſpropoſitos lhe viesſem à imaginação, ſem temor dos Criticos, porque na Liyraria da Ega, e em qualquer outra Bibliotheca acharia Autores para tudo.

## §. V.

**C**ondennaõ mais ir o nõſſo *Bibliothecario* bulcar às coſtas, como *Mario-la*, para ganhar humas moedas de cobre, a Eſtatuã do Gygante de Gratuão ao Caſtello da Ega, podendo trazer com menos trabalho, e mayor utilidade a de Hercules da cova de Toledo; porque traria de caminho as muitas riquezas, e moedas de ouro, que neste Palacio ſubterraneo eſtaõ eſcondidas. Não daõ os Collegiaes Cenſores outra noticia deſtas moedas, e riquezas, co-



mo tambem da referida Estatua, pelo que será necessário contar aos que a não souberem, esta historia, para entenderem a Critica, e a resposta. Na Cidade de Toledo está huma grande, e celebrada cova chamada de Hercules, a qual tem o seu principio quasi no mais alto da Cidade, e dentro na Parochial Igreja de S. Ginéz. Estando a porta dentro na Igreja, por muitas, e justas causas está tapada. Occupa esta cova não só o espaço de toda aquella grande Cidade, mas tambem a distancia de muitas legoas fóra della. Compoem-se este subterraneo Palacio de magnifica, notavel, e primorosa architectura, porque tem muitos arcos, pilares, e columnas, e toda está adornada de pedras lavradas, e miudas. He fama constante, que dentro nesta cova se occultaõ grandes thesouros, e outras cousas igualmente admiraveis, e preciosas. Principiada esta cova por Tubal, foy reedificada por Hercules, para lhe servir de Palacio, e de Aula, para nella ensinar a Arte Magica. Os Romanos a enobrecerão com algumas obras, com que ficou mais engrandecida. A hum lado desta dilatada cova edificou Hercules, como Magico, hum Palacio encantado, e dentro nelle deixou pintadas em huns panos humas figuras, e varios caractêres, em que declarava, ou prognosticava a futura perdição de Hespanha. Este Palacio deixou elle cerrado, com huma porta de ferro, ameaçando a quem o abrisse, com esta grande, e sempre lamentavel calamidade. Com este vaticinio communicado por tradição de pays a filhos, se hia conservando com multiplicados ferrolhos, e novos cadeados, que lhe mandavaõ lançar os Reis de Hespanha, cada vez mais fechado este mysterioso edificio. No tempo porém, em que reynava ElRey D. Rodrigo, tentando-o a sua grande ambição, e enganado pela cobiça de alguns lizongeiros, se resolveo a mandar abrir a porta, que dentro em huma antiquissima torre se fechava na boca de huma gruta de pedra, com huma tampa de ferro, cheya de innumeraveis cadeados, e ferrolhos, e muito mais defendida, ou cerrada com os perigos, que na lingua Grega ameaçavaõ estas palavras: *O Rey, que abrir esta cova, e poder descobrir as maravilhas, que tem dentro, descobrirá bens, e males.* Sem temor dos males com a esperança dos bens entraraõ pela cova, que abriraõ, os mais valerosos allumeados com lanternas, e outras luzes, e a poucos passõs voltaõ todos correndo com as luzes apagadas, os animos perdidos, os pulsos sem movimento, os olhos sem vista, e o coração sem alento, e todos taõ penetrados de medo, que os mais valentes pareciaõ os mais covardes. Os que recobrados do susto poderaõ falar, disseraõ com vozes tremulas, e palavras mal pronunciadas a ElRey Rodrigo, que tinhaõ visto huma espantosa, e formidavel vizaõ. Resolveo-se ElRey a ir diante de todos, acompanhados com luzes, que se não podessem apagar, e chegando a huma sala muito espaçosa, e lavrada com primoroso artificio, viraõ no meyo della huma Estatua de bronze de espantosa, e formidavel estatura, posta em pè sobre hum pilar de altura de tres covados, e com hu-



na massa de armas nas mãos estava ferindo a terra com grandes, e muito estrondosos golpes, movendo com elles o ar, e causando o espantoso ruido, que atemorizou os primeiros exploradores, que na cova tinhão entrado. Encourajada por ElRey com orações, e palavras devotas aquella Estatua, e com o protesto de sahir para fóra sem lhe fazer aggravo, nem obrar outra acção mais, do que oblervar o que naquella cova estava occulto, cessou a Estatua de ferir a terra com os golpes, como otorgando, e concedendo quanto ElRey para seu mal lhe pedia. Então viraõ, e abrião huma Arca, em que achãro o funestissimo pano enrolado, em q se viaõ debuxadas tropas de Arabes, e outros soldados da mesma Nação com turbantes nas cabeças, e armados com adargas, e lanças, ameaçando neste quadro com a invasão desta barbara gente ao infeliz Rey D. Rodrigo esta memoravel, e fatal letra: *Quem aqui chegar, e esta Arca abrir, perdera Hespanha, e sera vencido de semelhante gente.* Fechãro outra vez a Arca por ordem d'ElRey, deixando o pano como estava, e notando, a casa para ver se achavaõ algum bem para correctivo de taõ grande mal, viraõ na parede à mão esquerda da Estatua outro letreiro, que dizia: *Rey triste, por teu mal entraste aqui.* Da parte direita se lia em outro: *Por estranhas Nações serás despojado, e as tuas gentes rigorosamente castigadas.* Nas costas da Estatua estava este letreiro: *Arabes invôco,* e nos peitos tinha escrito estas palavras: *Faço meu officio;* e continuando com a diligencia de observar a casa, descobrião a hum lado huma gruta redonda, e dentro nella ouviraõ o estrondoso rumor de hum despenhado rio, e temendo todos o encontro de cousas mais formidaveis, e perigosas voltarão com grande preça para fóra, e a Estatua continuou logo a dar com a mesma força os costumados, e violentos golpes. Tanto, que ElRey se vio fóra da cova lhe mandou fechar a porta, recomendando segredo aos que tinhão visto os funestos prognosticos da Estatua, e do pano, como se o silencio dos vassallos podêra emendar o erro do seu Monarcha. Nunca os segredos dos homens, suspendêraõ os supremos decretos, como se vio neste successo; porque na meya noite do mesmo dia-toraõ ouvidos naquelle lugar clamores, e alaridos como de batalha, entre o estrondo das armas, e com hum terremoto se fundio, e sobverteo a torre com hum formidavel estrondo, sem deixar vestigio da ruina.

Para chamarem os Senhores Collegiaes Gestianos *Mariola* ao nosso *Bibliothecario* com enigmas, desencantãro a famosa Estatua de Hercules. Como este colosso està em pè sobre hum pilar, que tem altura de trez covados, armado com huma massa nas mãos, cercado pelos lados com os letreiros, que se lem pelas paredes, e carregado com algumas letras pelas costas, publica com o peito, que faz naquelle lugar o seu officio: entendêraõ os Senhores Criticos, que era a imagem do nosso *Bibliothecario*, que està fazendo o seu officio, posto em pè sobre o pilar deste Hospicio, que tem trez covados de altura, e pelas paredes se lem



lem varios letreiros, ao mesmo tempo, que o nosso *Bibliothecario* está tão carregado de noticias, que parece tem alguma grande livraria às costas. Mas para que he chamarlhe Mariola com enigmas, tendolhe já chamado sem remoque? Não quiz o nosso *Bibliothecario* as moedas, e riquezas de Herculea cova encantada, porque se contenta com aquillo, que ganha como *Mariola* com o suor do seu rosto, deixando esse thesouro para os ambiciosos Collegiaes Gestianos, que como destimidos, e valentes poderaõ brigar com aquelle Cão, que dizem guarda as chaves do thesouro, e quando morraõ como aquelles cobiçosos, que por ordem do Eminentissimo Cardcal D. João Martines Saliceo, ou movidos da pobreza, e necessidade perderaõ a vida, não achando outras riquezas senaõ os ossos de ambiciosos, que por cubiça do ouro acabaraõ nesta caverna, sempre ficaõ mais honrados, do que sabindo da cova depois de lhe pôr aquelle *Mariola* de bronze a massa de armas, ou algum pào nas costas.

## §. VI.

**C**Om grande furor censuraõ os Collegiaes Gestianos o epitheto de imaginativos, que o nosso *Bibliothecario* deu aos tres Authores Medicos Daniel Sennerto, Rodrigo de Castro, e Miguel Ettmullero; porque sendo como Dogmaticos Medicos *Racionais*, não se deviaõ chamar *imaginativos*, por ser esta palavra synonymo de *loucos*. Bem sabemos, que delde o tempo de Cornelio Celsõ se comecaõ a chamar *Racionais* os Medicos Dogmaticos, porque na cura das enfermidades se governaõ por discursos, e principios; mas quem poderà negar, que os principios, e os discursos destes Medicos não sãõ imaginações? Na declaração da palavra *Medico* escreve Bluteau no seu Vocabulario este proverbio: *De Medico, e de louco cada hum tem seu pouco*; e se a loucura se não destingue da imaginação, e na mesma balança estaõ em equilibrio a loucura, e a Medicina, não se podem queixar os tres Authores Medicos de lhe chamar o nosso *Bibliothecario* imaginativos. Como tem imaginação não hã, nem pòde haver raciocinio, todos os Medicos prezados de *Racionais* não pòdem negar, que sãõ imaginativos. Todos os raciocinios da Arte Medica sãõ opinioens; e as opinioens, como dizem os Philosophos, sãõ formidaveis imaginações dos entendimentos racionais. E daqui se segue, que os Medicos de mayor entendimento, e opiniaõ sãõ os mais imaginativos; porque imaginaõ, ou presumem tanto dos seus elevados discursos, que para se apartarem da vulgaridade, e buscarem a causa das operações da Natureza, não só vagaõ pela regiaõ do Ar, mas sobem tão alto com a sua presumpção aerea, que chegaõ aos espacos imaginarios.

Faz Galeno menção de huys Medicos chamados *Pneumaticos*, porque ao Ar, que entra nos corpos, e aos flatos aereos, que nelles se gerãõ, attribui a sua imaginação todas as operações da Natureza nos corpos viventes. E os que attribuem hum livro de flatos ao grande Hippocrates tambem querem, que elle fosse



fosse *Médico Pneumatico*, como foraõ sem controversia Atheno, Archigenes, Asclepiades; e desta Seyta de Medicos aereos, ou imaginativos são Ettmulero, Castro, e Sennerto, porque buscão a causa das operações naturaes nos espaços imaginarios, vagando com o seus discursos pela região do vento. Não he discredito do seu grande engenho, esta arguida loucura; porque sem pouca, ou muita loucura, conforme diz Seneca, não ha engenho grande: *Nullum Magnum ingenium absque mixtura dementia est*. Esta verdade sustentaremos (melhor do que Feyjoo infamador da Medicina) com huma larga, e já prevenida Apologia, quando fahir impressa (que a Cartas Anonymas, e a manuscritos não respondemos) a *Critica* promettida a favor dos Authores Medicos pelos Senhores Porcionistas do Novo Collegio do Martim Alho, e Noviços do Presépio novo fundado nas obras imperfeitas da Calçada do Correyo, que muito bem sabemos nos trazem ha muito tempo entre dentes; mas dentes de alho não mordem, nem metem dente em materias, que tem dente de *Coelho*, posto que sejaõ dentes de logeitos, que tem barbas.

S. VII.

**C**Ensurão finalmente os Senhores Criticos de presar o nosso *Bibliothecario* a nova opiniaõ dos Anathomicos modernos, que affirmão procederem as gerações assim dos homens, como dos monstros dos ovos, com que o sexo feminino concorre para a geraçaõ da prole, confessando por zombaria, que o Gygante de Gratuão fora gerado do ovo do Universo, que he despropósito tão grande, que não se acha outro igual, e muito menos ainda mayor em semelhante materia. Porém o nosso *Bibliothecario* não nega, que de ovos procedão algumas geraçoens humanas, e monstruosas, como foraõ as de Leda filha de Thetio, e mulher de Tyndaro Rey de OEbalio, à qual de hum ovo, segundo refere a Fabula, que ella pario na Cidade de Amycla, lhe nasceu Pollux, e Hellena, e de outro ovo Castor, e Olytemnestra. E sem materia de controversia a geraçaõ do Gratuão procedeo do grande ovo do Universo. Sendo muito grande este despropósito, ainda mostraremos nesta materia outro mayor; porque se he grãde extravagancia fingir, que do ovo do Universo nasceu este Gygante; mayor destempero he affirmar, que outro Gygante de hum ovo formara todo o Universo. He caso fabuloso escrito em Historia verdadeira. Por liçaõ do grande Historiador Diogo de Couto retere no Tomo I. do Supplemento ao Vocabulário o Padre D. Raphaël Bluteau declarando a palavra *Japão*, que os naturaes desta Ilha crem como cousa certa, que hum Gygante Senhor dos Ceos, e da terra, tamanho, que tinha hum pé em cima, e outro embaixo, formara de hum ovo, que pos hum gallo, ao Mundo todo, fazendo da gema os Ceos, e os Elementos da clara. Estando por este modo creado todo o Universo, arremegou o Gygante dos Ceos huma lança sobre a Ilha do Japão, metendoa pela terra dentro, e da abertura sahio huma mulher muito fermosa. Em hum dia, que esta Da-

ma



ma estava assentada à borda da agoa sahio hum Crocodilo em terra, e pegando naquella Dama a communicou por violencia, ficando ella pejada deste congresso, e a seu tempo pario hum filho, que foy o povoador de toda aquella Ilha. Os *Conguis*, ou Fidalgos da Casa d'El Rey prezaõ-se muito de procederem daquella casta, honrando-se tanto desta illustre ascendencia, que todos os descendentes trazem nos calçoens huns rabos dependurados à maneira de Crocodilos. Não he logo muito nova opiniaõ dos modernos Anathomicos, achando-se já entre as Fabulas dos Mythologicos, e as Historias dos mais celebres Historiadores, mas assim nas Historias, como nas Fabulas com mentiras de rabo.

*Fica-se reimprimindo a Historia Galega, e outras varias curiosidades.*

## LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do Reverendissimo Padre D. Caetano de Gouvea Clerigo Regular de N. Senhora da Divina Providencia, Qualificador do S. Officio.*

**V**I por ordem de Vossa Eminencia o papel, de que trata esta petiçãõ, e nada tem contra a Fè, e bons costumes. Lisboa Occidental nesta Casa da Divina Providencia de Clerigos Regulares 13. de Janeiro de 1733.

*D. Caetano de Gouvea, C. R.*

**V**ista a informaçãõ, pòde-se imprimir o papel de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 13. de Janeiro de 1732.

*Fr. R. Alancastro. Cunha. Teixeira. Sylva. Soares.*

## DO ORDINARIO.

**P**Ode-se imprimir o papel, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 14. de Janeiro de 1733.

*Gouvea.*

## D O P A C O.

*Approvaçãõ do Reverendissimo Padre D. Jozè Barboza Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das Trez Ordens Militares, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.*

## S E N H O R.

**V**io *Escudo Apologetico*, de que trata a petiçãõ, e nelle não acho cousa porque se lhe não deva dar licença, para se imprimir. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 25. de Janeiro de 1732.

*D. Jozè Barboza, C. R.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isto não correrá. Lisboa Occidental 28. de Janeiro de 1733.

*Pereira.*

*Alveres.*

*Rego.*

Tambem se acharão nesta Officina a Relaçãõ da *Onomatopoeia*, e outras varias.